

VOZES DO MUNDO EM MILTON HATOUM: OS MIGRANTES DA AMAZÔNIA

Gleidys Maia (PPGLA/UEA)

Resumo:

Esta fala é resultado inicial de uma pesquisa realizada nos dois últimos anos. Foram revisitados vários discursos em narrativas de viajantes, sejam elas etnográficas ou não, a fim de investigar o perfil de trabalhadores amazônicos nos séculos XIX e XX, e os processos de fixação desses perfis em narrativas ficcionais contemporâneas de autores amazônicos. Aqui, elegemos a ficção de Milton Hatoum, escritor amazonense, para análise do problema. Uma das conclusões imediatas da pesquisa foi o pressuposto de que muitos desses perfis de trabalhadores foram construídos a partir da figura de migrantes.

Palavras-chave: Literatura Amazonense, História Literária Comparativa, Migração;

O processo migratório na Amazônia se deu, historicamente, de forma irregular e descontínua. O desencadeamento de contextos migratórios se dá a partir de eventos externos ao território, principalmente na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. A Amazônia sempre povoou o imaginário europeu, disseminando imagens e invenções que produziram belíssimos encontros entre os viajantes, aventureiros ou não, e a floresta-esfíngica, reinventada sempre, habitada por índios de etnia vária. Desses encontros nascem também os desencontros e os equívocos que estigmatizam o espaço e o homem.

A Amazônia tem sido por nós igualmente apresentada como uma região de pobres, como se essa pobreza não estivesse sendo continuamente produzida, ao longo de nossa história, por força de relações de subordinação, de violência política e institucional, todos esses processos de origem externa e mesmo interna. (...) Criamos aqui expressões, como por exemplo, 'ribeirinho'. Essa expressão (...) tem um uso bastante recente e quer se referir aos pobres do interior, aos trabalhadores do campo que possuem as condições de existência situadas entre as mais baixas do Brasil. (PINTO: 2012, 107-9).

O sociólogo Freitas Pinto refere-se à linha contínua de intervenções externas e internas no processo de formação e representação do homem amazônico e sua visibilidade por uma semântica do menos. Essa semântica inventada reverbera a decadência social e econômica dos meados do século passado. A símile contribui para o desenvolvimento de outra categoria de representação ao considerarmos que essa visão do menos é muito recente em termos históricos e muito distante também dos olhar estupefato e armado dos cientistas viajantes do século XIX. Gastão Cruls (1930), na obra *A Amazônia que eu vi*, revela com minúcias os trabalhos feitos pelos indígenas e também o trabalho elaborado e observado por etnógrafos em viagens de estudos ou de aventura. Cruls dá importância tanto aos nativos quanto aos que estavam na Amazônia para observá-la, mesmo que ludibriados por interesses políticos e/ou econômicos.

À medida que avançamos, observam-se propriedades melhores. Fazendolas cercadas de cacuaes e em que as casas se destacam num terreiro bem limpo, onde viçam cuités, mangueiras e bananeiras. Em um ou outro ponto, cabeças de gado no pasteiro. (...) (p.19).

O Dr. Diniz, José Picanço Diniz, advogado inteligente e culto, é hoje figura primacial na zona que percorremos. Desde Belém, habituamo-nos a ouvir repetidamente o seu nome, como a pessoa que melhor conhece esta região e de cujos conselhos e préstimos muito teremos que beneficiar. (...) (p.25).

Quase todos os dias, José Candido embrenha-se no matto á procura de caça. Por vezes elle volta panema, mas livra-se do trote em taes casos, o recebe o General, presenteando-nos com farta messe de escolhidas castanhas. A ele devemos também algumas amostras de Preciosa, certa arvore daqui, cujo lenho tem aroma muito agradável. (p.90)

Fiz questão de apresentar aqui três cenários em que as representações do espaço e do homem amazônicos confluem para uma semântica do mais, um somatório equacionado pelo olhar do viajante que, ao olhar de fora, olhar armado, busca formas de naturalização do que observa e narra. O processo de naturalização do que é narrado pretende ser uma demonstração de intimidade conquistada pelo narrador. O domínio dos termos típicos regionais e configurações imagéticas da cultura local são apropriados pelo narrador para enfatizar o encontro entre diferentes e a mescla dos iguais. Gastão Cruls sente-se à vontade ao vagar por estas paragens.

Mas não sempre é assim. Quem não se lembra do personagem Alberto de Ferreira de Castro, n’*A Selva*?

(...) A selva não perdoava a quem pretendia abrir os seus arcanos e, por isso, só encontrava ali vida fácil esse homem bronzado, de cabelo liso e negro, que nascera renunciando já a tudo e que se comprazia numa existência de perene letargo, junto de riquezas fabulosas. (...) Quando D. Santos Mercado descera, de braço dado com a ambição, o Beni e, depois, a parte encachoeirada do Madeira, com o seu maravilhoso salto do Teotónio, para fundar o Paraíso, já os ancestrais de Lourenço viviam numa ilha que ficava perto da outra margem do rio. (1967: 113).

O narrador castriano apresenta as configurações das margens do rio: de um lado está o caboclo, nativo, portanto com a vantagem alcançada na experiência; do outro lado, está o boliviano arrivista, aventureiro, cuja vantagem é o poder. As diferenças transmutam o real em agonia do real ora para um, ora para outro, ambos massacrados pelo espaço. A hostilidade do espaço aprisiona os viajantes incautos e a aventureiros desavisados em armadilhas culturais, de estrutura complexa, constituindo mais um amálgama nas dobras dessa realidade.

Observa-se já no narrador de Ferreira de Castro o discurso herdado de viajantes em sua maneira ligeira de chegar a uma conclusão rápida a respeito de uma realidade tão complexa. Esse narrador propõe uma leitura pseudoantropológica do processo migratório iniciado pelas transformações econômicas do *boom* da borracha. A extração do látex desencadeou um grande movimento na bacia Amazônica, transformando a geografia humana e social. Populações orientais e ocidentais começam a povoar vastas áreas da Amazônia, até então dominadas pelos descendentes de índios e colonizadores portugueses. Ali, aportaram judeus, sírios, libaneses, japoneses, italianos, africanos senegaleses e angolanos e, principalmente, portugueses.

O assunto levantava discussões. Para o moço de olhos azuis, o caboclo era mal compreendido e caluniado. Era principalmente explorado e sua maneira de agir sem interesse, sem ambição, correspondia à reação natural do homem desiludido. “Ora, bem se vê que o senhor não é daqui. Caboclo tem preguiça até de falar; pode passar horas ao seu lado, sem lhe dizer palavra” – “Pois é o senhor quem se engana – revidava o louro – eu conheço muito bem o caboclo; ele como anfitrião é acolhedor, simpático, prosista, prestativo; como hóspede, é retraído, cerimonioso, respeitador; [...] pode passar uma hora ou mais calado [...] mas não perde um detalhe do que ocorre em volta, para relatar [...] tudo o que viu e ouviu, porque no seu meio ele é outro”. (ROSENBLATT, 1963. p.114)

A ficcionista paraense de origem judaica Sultana Rosenblatt, em sua obra *Barracão* propõe uma leitura do encontro entre caboclos e “brancos”, na verdade uma repetição da diferença dos discursos de padrões seringalistas e do olhar aberto dos viajantes. O duplo implica dizer uma semelhança exata do original. No caso do tapuia, essa é uma cópia em rascunho. Tratando-se da Amazônia, mostram-na como se a região se limitasse a um espaço único (vale lembrar que a Amazônia brasileira não se restringe ao Estado do Amazonas); como se fosse apenas fauna e flora, desabitada ou, quando há gente, ainda é a imagem do índio que se dispõe, quando muito, a do ribeirinho, sempre ligado ao rio. Os quilombolas, os litorâneos, “as gentes” da colônia, do campo, os urbanos, etc. ficam de fora.

Por isso, essa representação indígena ou cabocla da Amazônia continua sendo o outro, mas sem sua alteridade. Em *Barracão*, esse aspecto assume outro contexto. O caboclo apresentado pelo “moço de olhos azuis” é construído na contramão do discurso que mostra sempre o caboclo como indolente, estagnado num espaço. Deparamo-nos com um “colonizador” que descreve o caboclo diferente desse espelho. É, por assim dizer, uma inversão de postura acentuada pela romancista.

O fluxo de libaneses dirigido ao Brasil vinha do campo e destinava-se principalmente aos centros urbanos de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia, todavia espalharam-se como mascates em várias cidades brasileiras. Refletindo sobre a presença do fluxo “sírio-libanês” na Amazônia, Benchimol (1999) registra que esse segmento era formado por grupos familiares oriundos de Batroun, Baalbeck, Ghazzir, Dimen, Ghosta, Jbeil e Beirute (Líbano) e de Ayo, Hamma e Damasco (Síria) e vinham tentar a vida como comerciantes em Belém, Manaus, Porto Velho, Rio Branco, no rastro da economia da borracha.

Era uma imigração familiar. Quando vinham solteiros mandavam buscar suas noivas na região de origem, geralmente com algum grau de parentesco, mantendo a coesão na vida familiar e nos negócios. O sucesso comercial desse fluxo pode ser avaliado, segundo esse autor, pelo registro de um número significativo de firmas nas juntas comerciais dos estados do Pará e do Amazonas no início do século XX. No conto “O adeus do comandante”, da obra *A cidadeilhada*, o narrador é um libanês, regatão, chamado Moamede. Ele narra um caso amazônico, mas o interessante é o discurso construído para narrar a presença da testemunha do caso ali naquele lugar:

Em Parintins, a concorrência era feroz: mouro contra mouro, e uns marreteiros do Maranhão, que navegavam naquelas freguesias. (...) Olhei para a cabine e lá estava o Dalberto, caboclo musculoso e ex-cabo de polícia filho do rio Tapajós. Um paraense da gema, desconfiado e de poucas palavras...(CI:2009, 46).

Milton Hatoum, escritor amazonense contemporâneo, é descendente de libaneses e suas primeiras obras giram em torno dessa ascendência e sua trajetória em espaço amazônico. *Relato de um certo oriente* e *Dois irmãos* representam cenas do cotidiano de famílias libanesas em Manaus. No entanto, as obras seguintes vão se abrir para o leque de opções do circuito migratório e focalizar, não mais o processo de preservação da cultura, muito enfatizado nas obras acima, mas sobretudo o processo de assimilação cultural dos povos que, espontaneamente ou não, refizeram suas vidas na Amazônia.

Falar sobre o leque de opções é olhar enviesado, nunca diretamente, para a pessoa que vos fala agora. Minha ascendência é tão confusa e difusa quanto a ascendência de alguns personagens de Milton Hatoum. Sou descendente de índio, negros e brancos: tive avós judeus sefarditas, negros angolanos, índios tupinambás, portugueses do Minho. Esse caldeirão cultural desenha costumes e hábitos vindos de longe e misturados à cultura local indígena. Essa sou eu. Poderia ser uma personagem, mas não o sou, pelo menos até agora. Nos entanto, a dinâmica de movimentos migratórios, essas personas fundadas na mistura são encontradas na moderna ficção amazônica, como a de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum.

A epígrafe de *Cinzas do Norte*, ofertada a Guimarães Rosa, já aponta para o processo de construção de uma consciência excêntrica dos discursos que representam o amálgama do homem amazônico: *Eu sou donde eu nasci. Sou de outros lugares*. Jano, ou melhor Trajano, homem de negócios, relato o valor que dá à sua ascendência e de que maneira interfere em sua forma de ser. Jano nasceu em Manaus, mas também traz consigo outros lugares.

Não joga nada fora.(...) A vida de meu pai está arquivada em aqui. Ele veio de Portugal sem um tostão no bolso. Só coragem e vontade de ser alguém. Um homem religioso que acreditava na civilização, no progresso. (CN: 2005, pg. 35).

Ou na propriedade da família no município de Parintins, A Vila Amazônia:

Azulejos verdes e vermelhos desenhavam um mapa de Portugal no fundo da piscina, em cujas paredes estavam gravados nomes de cidades, de reis e rainhas desse mesmo país. Meu pai dizia que essa decoração era para que se mergulhasse na sua pátria. (...) Nunca mergulhou, não tinha tempo para saudades. (CN 2005, pg. 68)

A história da ocupação portuguesa na Amazônia é também a história da construção das cidades no interior da selva, é também a configuração do homem amazônico, do caboclo ribeirinho. Nesse cenário e com esses atores pode-se visualizar a complexidade dos bens culturais, da memória social e das formas de linguagem que configuram a construção de discursos, ficcionais e metaficcionais.

Muitos viajantes dedicaram seus escritos à tentativa de capturar imagens e expressões dos fenômenos que envolvem a fixação de povos alienígenas à floresta. Destaco, aqui, outra visão: a de Vitorino Nemésio, em suas andanças pelo Nordeste Brasileiro e pelo Amazonas, mais precisamente em 1958, portanto muitos anos após a viagem de Ferreira de Castro, cuja narração revela a mais absoluta comunhão entre narrador e espaço, se não fosse o processo de reflexão sobre a escrita:

As notas que tomei, subindo o Baixo Amazonas, na escala de Parintins, têm um ar sincopado e cumulativo que, a esta distância do tempo, me parece trair um certo desencanto. Nem tudo é o paraíso a *technicolor* que as minhas descrições acusam. Bem sei que não escondi as bagas do suor, a rasa monotonia da selva perpétua e água mortas, a tristeza transeunte dos canoeiros sepultos nos seus troncos. (Nemésio: s/d, 319)

O elogio do turista perde em cromatismo ao se defrontar com a realidade dos trabalhadores e gente do lugar. Os discursos criados e imaginados sobre o homem amazônico e o determinismo espacial não apresenta a realidade, apenas a representa. Os viajantes vêm e vão. Transeuntes. Não ficam lá. Mas deixam para trás formas discursivas sobre o homem e o espaço, cujas configurações imagéticas vão desde a mais simples descrição até ao mais complexo processo de amplificação. Essas estratégias se estendem e se ampliam a todos aqueles que, pelos mais variados motivos e contingências, escolhem viver na Amazônia.

Muitos portugueses vieram ganhar a vida no Brasil, fazer fortuna, com o objetivo de voltar para Portugal. A imigração portuguesa no fim do século XIX trouxe para o Brasil pessoas pobres, originárias do norte e do nordeste de Portugal, vindas do Minho, D'Ouro e Trás-os-Montes. Segundo Matoso (1988), havia um Portugal no Brasil formado pelos imigrantes. Nos anos de 1912 e 1913 a emigração das províncias do norte de Portugal provocou taxas negativas de crescimento demográfico, sendo que a maioria dos emigrantes (82%) se dirigia para o Brasil.

Ali procuravam construir um grupo fechado mais ou menos organizado, que buscava manter uma identidade e fortes ligações com o país de origem.

A identidade cultural e os laços de solidariedade nacionais diminuía a distância social e constituía por vezes relações de fidelidade entre os donos de seus estabelecimentos e seus trabalhadores. A organização do trabalho nesses estabelecimentos permitia contato permanente entre patrões e empregados, com duras jornadas de trabalho, com cobrança de fidelidade, dedicação, submissão e obediência.

Estes imigrantes estabeleceram um método de trabalho que exigiu muito sacrifício e, muitas vezes, condições subumanas de sobrevivência. Geralmente eram pessoas pobres, homens solteiros, com pouca roupa, malas velhas e que chegavam a Belém com endereço de algum patrício para ganhar a vida. Eram anos de trabalho acumulando dinheiro, tentando se tornar sócios de pequenos negócios, cuja única forma de acumular capital advinha por muitas vezes de um trabalho exaustivo, onde patrão e empregado tinham quase sempre as mesmas condições de sobrevivência.

A família de Trajano Mattoso, herdeira da Vila Amazônia, propriedade rural cuja produção principal é o plantio da juta, planta trazida pelos japoneses no início do século XX. Quando Trajano herda os negócios do pai, herda também o problema da desaceleração do plantio e da economia da juta. Com isso, sua propriedade emprega muitos japoneses que agora não tem mais o que fazer.

Oyama, o pioneiro, homem lembrado por todos trouxera da Índia sementes de juta. Viera com a família em 1934; mais tarde chegaram dezenas de jovens agrônomos de Tóquio, passaram uns dias na Vila Amazônia e viajaram para o rio Andará, onde fundaram uma colônia. Tinham construído um pequeno hospital, uma escola agrícola e Okayama Ken uma vila onde até hoje moravam os trabalhadores mais antigos. (CN: 2005, pg. 70).

A necessidade que o narrador tem em contar a história da migração japonesa não é gratuita. A história do narrador-testemunha é atravessada por outras histórias, complexas, e que formam um mosaico colorido pelos encontros e desencontros nessa terra estrangeira. Lavo, o

narrador, quer saber da história de sua família, penetra os vãos de outras histórias para tecer a sua própria.

Os japoneses também passaram pelos mesmos embates ideológicos no processo de adaptação cultural na Amazônia. A imigração japonesa na Amazônia foi iniciada 21 anos depois da vinda dos primeiros imigrantes do Kasato Maru, cujo centenário foi comemorado em 18 de junho de 2008. Os primeiros colonos vieram para Tomé-Açu (1929), no estado do Pará e, para Maués (1929) e Parintins (1930), no estado do Amazonas (HOMMA, 2008). Quando a imigração japonesa foi iniciada na Amazônia ainda prevalecia a saga do imaginário amazônico, que serviu de relato de diversos exploradores, cientistas e escritores.

A lavoura da juta por ser altamente intensiva em mão-de-obra, de ser uma cultura anual e das condições inóspitas de trabalho, da premência de corte com a subida das águas e da impossibilidade de mecanização dificultou a sua expansão em larga escala pelos agricultores japoneses. Estes foram gradativamente abandonando o plantio de juta, pela perda da rentabilidade, passando para os ribeirinhos e mudando-se para outros locais e atividades mais rentáveis. A falta de mão-de-obra para efetuar a coleta de produtos extrativos e mais tarde no desenvolvimento das atividades agrícolas, sempre foi um fator restritivo na Amazônia, que só seria quebrado a partir da década de 1970, com a abertura de grandes eixos rodoviários. Mudou-se a concepção da importância dos portos, para as estações ferroviárias e depois para as estações rodoviárias.

A presença judaica na Amazônia tem início em torno de 1810 como podem comprovar a criação das duas primeiras sinagogas do Brasil: Shaar Hashamaim(1823 ou 1824) e Essel Avraham (1826 ou 1828) na cidade de Belém no estado do Pará, bem como as sepulturas encontradas no primeiro cemitério judaico daquela cidade: o da Avenida Soledade, fundado em 1848. A sepultura mais antiga, datada de 27 de sivan (maio/junho) de 1848 é de Mordechai Hacoheh.

Esse durou mais de 50 anos e fez deslocar cerca de 300.000 nordestinos imigrantes, sobretudo a partir de 1877 e 1888, em virtude da seca." Durante esse período, a Amazônia foi povoada, também, por grande número de europeus e migrantes portugueses, espanhóis, italianos, franceses, ingleses, alemães, além de sírio-libaneses chegados no final do século XIX. No entanto, depois dos cearenses e portugueses, a

maior contribuição, tanto quantitativa quanto qualitativa, proveio dos sefaraditas marroquinos. (Benchimol, 2008:75)

Na produção e circulação da borracha, o seringueiro extrator era sempre o aviado, pois as suas relações econômicas restringiam-se ao fornecimento dos produtos extraídos da floresta como pagamento das mercadorias que lhe foram aviadas. O aviador era aviado do comerciante que lhe fornecia as mercadorias e aviador para aqueles que adquiriam suas mercadorias. Havia os grandes aviadores, pequenos em número e estabelecidos nas grandes cidades, e os pequenos aviadores, que intermediavam as mercadorias até chegar às mãos do produtor ou do extrator.

Muitos desses pioneiros começaram como empregados, balconistas, gerentes de depósito, donos de flutuantes, guarda-livros e terminaram sua carreira como seringalistas e Coronéis de Barranco. É interessante observar como aqueles judeus “regatões”, praticavam uma atividade que pode ser perfeitamente comparada à de ambulante, prestamista praticada pelos judeus *ashkenazitas* oriundos da Europa Oriental, com a diferença de que estes comerciavam pelas ruas e os *sefaradis* pelos rios, isto sem manterem contatos entre eles.

Nessa Amazônia, terra de imigrantes, é a corrente italiana que para cá se dirigiu e suas contribuições para o processo de desenvolvimento regional que constitui nosso foco de análise. Entre os italianos, um grupo significativo foi formado por religiosos que vinham atender determinações específicas de suas respectivas congregações. Eles deixaram as marcas de sua presença em estabelecimentos de ensino e em hospitais. Outro grupo importante era composto por arquitetos, pintores, músicos e outros artistas. A presença desses artistas foi de grande relevo pelas marcas que deixaram nas cidades amazônicas e a propaganda de suas obras na Itália pode ter constituído um estímulo para outros grupos emigrarem espontaneamente.

O segmento de italianos que se dirigiu às cidades amazônicas fixou-se nas capitais do Pará e do Amazonas, Belém e Manaus, e em alguns municípios localizados ao longo do rio Amazonas e de seus principais afluentes, por onde circulava o capital mercantil decorrente da economia da borracha. Mas, mesmo com o declínio dessa economia muitos permaneceram nessas cidades.

Se esses migrantes decidiram ficar definitivamente na Amazônia, há outros migrantes que são ocasionais, assim como os viajantes do século XIX. Esses migrantes ocasionais não são

turistas, são homens que pensam a Amazônia a partir de sua complexidade e tentam entendê-la a partir de sua experiência, Esse é o caso do biólogo Kurokawa, no conto “Um oriental na vastidão”, de *A cidade ilhada*. Professor aposentado da Universidade de Tóquio, que visitou apenas uma única certa região do rio Negro para constatar o que já sabia desde a sua meninice, e após a morte, deixa em testamento o desejo de ter suas cinzas jogadas no mesmo lugar.

Depois disse que havia lido alguma coisa sobre a fauna e a flora do rio Negro: conhecia as pesquisas de Ducke, O’Reilly Sternberg e Vanzolini. E explicou, usando termos científicos, por que as águas do Negro eram escuras como a noite. Passou o resto da viagem calado, observando a floresta, os lagos e o rio. Tive a impressão de que ele sabia mais coisas do que eu, mais do que Américo, e que aquele passeio era uma viagem de reconhecimento. (CI: 2009, pg. 32).

Outro migrante ocasional é a representação de uma família irlandesa ou inglesa, nunca se soube ao certo, cujos integrantes, sempre rodeados de mistérios e incógnitas, simplesmente foram embora sem revelar para onde iam e só muito anos depois, chega um cartão postal para o narrador com selos da Tailândia. Os Doherty eram refinados, davam uma educação refinada para as filhas Lyris e Alba, frequentavam concertos musicais, mas não tinham amigos, nem compartilhavam sua intimidade com nenhum vizinho.

Minha pesquisa trabalha com os resíduos, com as cinzas, com vestígios desses discursos em narrativas ficcionais contemporâneas. Inscreve-se, então, a representação desse homem e desse cenário nos discursos ficcionais. Desse modo, interessa-nos compartilhar o perfil de trabalhadores amazônicos traçados por viajantes e cientistas e o aproveitamento feito por romancistas para compor personagens identificados por sua dupla condição: primeiro ser estrangeiro em uma terra hostil, considerando as figurações e metáforas da floresta amazônica no imaginário europeu; em segundo, querer-se parte do lugar onde passa a viver, considerando as dificuldades de adaptação social, de interação linguística.

Assim, os migrantes que para a Amazônia vieram não perderam a essência de sua territorialidade anterior que, aos poucos e frente às novas realidades, adquiriram uma territorialização construída, a partir de novos modos de vida. É com esta vivência que se adquire uma nova identidade, conseqüentemente uma nova territorialização e configuração territorial.

Essa expansão do corpus a ser considerado não apenas muda radicalmente nossa noção das formas literárias que possam fazer parte da história literária, mas também insere uma enorme pressão para uma construção mais completa do contexto histórico. Atingimos agora um momento extremamente crucial na historiografia da literatura. A história tornou-se uma configuração de histórias tanto de produção quanto de recepção. Sem abandonar a historiografia da produção literária, devemos atualmente acrescentar, com idêntico rigor, uma consideração sobre a natureza da recepção literária.

Para Valdes (Cf. 1996, p. 12-13), o campo em que a experiência literária ocorre é parte da história literária tanto quanto o estudo tradicional do desenvolvimento de gêneros ou temas. Por esta razão, perspectivas econômicas, políticas e sociais de questões como raça ou gênero devem ser levadas em consideração na construção da história literária de uma forma diferente das que podem ter sido utilizadas no passado.

Uma história literária comparativa, da forma como a imaginamos, lida com a vida da maneira em que é contada, ao invés do projeto de Braudel, estudar a vida da maneira que é vivida. Assim como o *Mediterranean* de Braudel juntou elementos tão diversos como religião, história, geografia, tecnologia, agricultura e as tendências intelectuais de um local particular em um determinado momento, a história literária comparativa que propomos estudará a literatura em contextos além do estético e do formal, levando em consideração as pesquisas políticas, antropológicas, econômicas, geográficas, demográficas e sociológicas relevantes para a construção dos contextos da literatura de uma comunidade.

Nas obras analisadas, *Cinzas do Norte* e *A Cidade Ilhada*, aparece o conflito entre a tradução e a não tradução dos mundos culturalmente heterogêneos, e portanto a linguagem se mostra como lugar do político. Procurei estabelecer até que ponto as formas de representação do “outro”, junto com a reflexão sobre o sujeito da escrita, se aproximavam também dos questionamentos epistemológicos sobre a representação que vem se produzindo no âmbito das ciências sociais.

Referências

- BENCHIMOL, Samuel. *Eretz Amazônia – Os judeus na Amazônia*. 3ª. Ed. Revista. Manaus, Ed. Valer, 2008.
- CARDOSO, Antonio Alexandre Isidio. *Trajetórias migrantes entre a Província do Ceará e a Amazônia: deslocamentos e representações*. Fortaleza – Universidade Federal do Ceará, Monografia de conclusão de curso. 2008.
- CASTRO, Ferreira de. *A selva*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.
- CRULS, Gastão. *A Amazônia Misteriosa*. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1926.
- CRULS, Gastão. *A Amazônia que eu vi*. Rio de Janeiro: Livraria Jose Olympio Editora; Brasília: INL, 1973.
- HARTOG, François. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- HATOUM, Milton. *Cinzas do Norte*. São Paulo. Companhia das Letras, 2005.
- HATOUM, Milton. *A Cidade Ilhada*. São Paulo. Companhia das Letras, 2009.
- NEMÉSIO, Vitorino. *Caatinga e Terra Caída. Viagens no Nordeste e no Amazonas*. Lisboa, Livraria Bertrand, 1968.
- PINTO, Renan Freitas. *Amazônia. Viagem das Ideias*. 3ª. Ed., Manaus, Valer, 2012.
- ROSENBLATT, Sultana. *Barracão*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Leitura S/A, 1963.
- SÁ, Michele Eduarda Brasil de. *A Imigração Japonesa no Amazonas à luz da Teoria das Relações Internacionais*. Manaus, ADUA, 2010.
- SILVA, Sydney Antonio da. (org.) *Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar*. Manaus, ADUA, 2010.
- VALDES, Mario J. A hermeneutic model for comparative literary history. *Poligrafias: Revista de literatura comparada*. México, n.1 p.9-21, 1996.